



Elaboração de materiais didáticos a partir das músicas dos alunos

Comunicação

Fernando Macedo Rodrigues
Universidade do Estado de Minas Gerais
fernando.rodrigues@uemg.br

Luciana Leonardo Pereira
Universidade do Estado de Minas Gerais
lucianaleonardopereira@gmail.com

Resumo: O estágio obrigatório, principalmente desenvolvido nos cursos de Licenciatura, é uma das atividades que aproximam o estudante da prática didática. Ao iniciar este estágio (nas salas de aulas em escolas regulares), o futuro professor de música pode se deparar com uma realidade diferente daquela exemplificada no seu curso. De acordo com relatos informais de alunos da Escola de Música da Universidade do Estado de Minas Gerais, os diversos materiais e procedimentos discutidos durante o curso para o efetivo ensino musical, geralmente precisam ser adaptados à realidade musical das escolas. Como uma alternativa, os Licenciandos podem fundamentar as atividades a serem desenvolvidas nas músicas com as quais estes alunos se identificam. Esta pesquisa¹ visa o exercício das práticas informais de aprendizado musical e a produção de materiais didáticos a partir das músicas escolhidas pelos alunos. O projeto inicial foi aproveitar a disciplina optativa: “Práticas informais no ensino musical”, ofertada no segundo semestre de 2021 na Escola de Música da Universidade do Estado de Minas Gerais. Primeiramente, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre o tema. Em seguida, a turma de alunos foi dividida em grupos para reconhecimento prático do repertório. Após esta prática musical, os alunos elaboraram materiais advindos das músicas escolhidas. Em conclusão, este processo trouxe um ganho positivo para os alunos, pois eles tiveram a oportunidade de criar atividades para o ensino musical a partir de um material sonoro completo, ou seja, uma música pronta.

Palavras-chave: Ensino musical; Música dos alunos; Materiais didáticos.

Introdução

O estágio obrigatório, principalmente desenvolvido nos cursos de Licenciatura, é uma das atividades que aproximam o estudante da prática didática. Ao iniciar este estágio (nas salas de aulas em escolas regulares), o futuro professor de música pode se deparar com uma realidade diferente daquela exemplificada no seu curso. De acordo com relatos informais de alunos da Escola de Música da Universidade do Estado de Minas Gerais

¹ Esta pesquisa foi contemplada com uma bolsa de estudos através do edital 06/2019 PAPq/UEMG.



(UEMG), os diversos materiais e procedimentos discutidos durante o curso para o efetivo ensino musical geralmente precisam ser adaptados à realidade musical das escolas.

Em outro cenário, através da participação no PIBID², inicialmente como colaborador em junho de 2013, e posteriormente como coordenador, a partir de junho de 2015, pude observar de forma mais próxima a presença da música através das atividades dos alunos em duas escolas públicas estaduais que participavam do projeto, sendo uma delas o local onde esta pesquisa estava sendo realizada. Através de conversas com professores e alunos das duas escolas, pude perceber que havia alunos que tocavam em grupos, igrejas, com familiares e com colegas, ou seja, existia um público nestes espaços que já estava envolvido em práticas musicais em diversos lugares e em diversas formações. Portanto, foi constatada a existência de atividade musical fora da escola, independente da sistematização do ensino de música. Nestas escolas são desenvolvidos projetos com o objetivo de promover a integração e conscientização dos alunos, como por exemplo, a Semana da Consciência Negra. Inclusive, mesmo sem aulas regulares, a música sempre está presente com a participação de alguns alunos tocando ou através de áudios para a composição das apresentações.

Além das observações relacionadas ao estágio supervisionado e ao programa PIBID, percebo, como integrante do corpo docente da Escola de Música da UEMG, através dos depoimentos informais de alunos de Licenciatura, as dificuldades que eles enfrentam para lecionarem música nas escolas. De acordo com eles, há uma necessidade de adaptar os conceitos aprendidos no seu curso para a sala de aula, pois as crianças, pré-adolescentes e adultos, em sua maioria, não reconhecem o material musical que eles apresentam (repertório e linguagem teórica). Como uma das possíveis alternativas, alguns destes futuros professores pedem para os alunos trazerem de casa músicas com as quais elas se identificam, reconhecem e/ou estão acostumadas a ouvir. Neste repertório, os professores buscam informações para conectar o conteúdo teórico/prático que eles desejam ensinar

² Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) idealizado e coordenado pela CAPES Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior do Governo Federal – em parceria com o Governo do Estado de Minas Gerais. Este programa fornece bolsas para os estudantes das universidades desenvolverem atividades de ensino nas escolas públicas.



com as músicas que são reconhecidas pelos alunos, objetivando assim, um aprendizado mais eficiente e prazeroso. O problema é que grande parte destes professores executam estes procedimentos sem nenhuma referência ou orientação, experimentando e adotando aqueles processos que, na opinião deles, deram certo. É um exercício de erros e acertos.

Há uma necessidade do desenvolvimento de pesquisas relacionadas às práticas musicais, suas aplicações e adaptações ao contexto escolar brasileiro, e através destas, contribuir para um enriquecimento de materiais e processos de ensino. Com isso, os nossos futuros professores de música estarão preparados para as diversas situações que a atividade de ensino possa apresentar.

Os objetivos desta pesquisa são: exercitar as práticas informais de aprendizagem musical (GREEN, 2008) e elaborar materiais didáticos a partir das músicas escolhidas pelos alunos. O Projeto inicial aproveitou a disciplina optativa: “Práticas informais no ensino musical”, na Escola de Música da UEMG, ofertada no primeiro semestre letivo de 2021 para o desenvolvimento das atividades propostas.

Conceitos

Este estudo visa considerar as pesquisas já realizadas sobre o tema, no sentido de investigar a possibilidade de elaboração de materiais didáticos a partir das músicas que os alunos conhecem e reconhecem. Esta pesquisa abre uma margem para acolher uma grande diversidade de materiais musicais, pois a princípio, não se sabe qual o perfil musical dos alunos e conseqüentemente qual música este aluno poderá trazer. Desta forma, as músicas apresentadas pelos alunos podem ter sua origem na Música Popular Brasileira e seus diversos estilos, na Música Popular Internacional, na Música Erudita, no Folclore ou outras.

Quanto ao aprendizado das músicas pelos alunos, podemos considerar o aprendizado formal, o não-formal e o informal.

Folkestad (2006, p.141) delimita os significados da aprendizagem formal como aquela na qual a atividade é planejada, organizada e sequenciada previamente, além de conduzida por um professor ou por alguém que assuma este papel.



Mak (2007) relata que a aprendizagem não formal relaciona-se com escolas livres, grupos comunitários e outras organizações não governamentais (ONGs), abrangendo atividades educacionais altamente contextualizadas e participativas.

Green (2008) organizou as características do aprendizado informal em cinco princípios fundamentais (Green, 2008, p.10), a saber: inicia-se com a música escolhida pelos aprendizes; “o principal método de aquisição de habilidades envolve a cópia de gravações de ouvido” (o processo de “tirar músicas de ouvido”) (Ibidem), a partir de uma referência de áudio; o aprendizado acontece de maneira individual ou com amigos através do autoaprendizado, aprendizado dirigido por pares e aprendizado em grupo; habilidades e conhecimentos tendem a ser assimilados de forma confusa, aleatória, idiossincrática e holística - partindo do todo, e com exemplos musicais retirados do “mundo real”; envolve uma profunda integração entre escuta, performance, improvisação e composição em todo o processo de aprendizagem (GREEN, 2008, p.10).

Utilizando as características do aprendizado informal identificadas, Green (2008) elaborou outro projeto no qual discutiu a adaptação e a aplicação destas práticas informais em escolas da Inglaterra procurando avaliar a extensão e o possível benefício desta abordagem (p.23). Neste projeto, Green (2008) planejou sete estágios idealizados e concebidos como uma “abordagem de ensino e aprendizado” (p.23). A saber:

1 – “O coração do projeto”: proporcionar aos alunos uma imersão nas “práticas informais” de forma semelhante ao que acontece na vida real; 2 – A escolha de uma música familiar pelo grupo de alunos que pode conter pequenos *riffs*³ para o auxílio na aprendizagem da mesma. O professor pode auxiliar nesta tarefa; 3 - A repetição do 1º estágio, com o objetivo de ressaltar as habilidades adquiridas anteriormente; 4 – O convite aos alunos para trabalharem uma composição própria, baseados naquilo que aprenderam nos estágios anteriores; 5 – Modelagem de composição. Foi oferecido aos alunos um “modelo musical” de composição proveniente de um exemplo “real” da música popular” (GREEN, 2008, p. 27); 6 e 7 - “Imersão” com música clássica. Exercício das práticas anteriores, mas com um estilo musical que os alunos não gostam (GREEN, 2008, p.152).

A partir de uma revisão de literatura, Folkestad (2006) identificou quatro maneiras diferentes na utilização e definição dos termos: aprendizagem formal e informal, explícita ou implícita respectivamente, cada uma com foco em diferentes aspectos da aprendizagem:

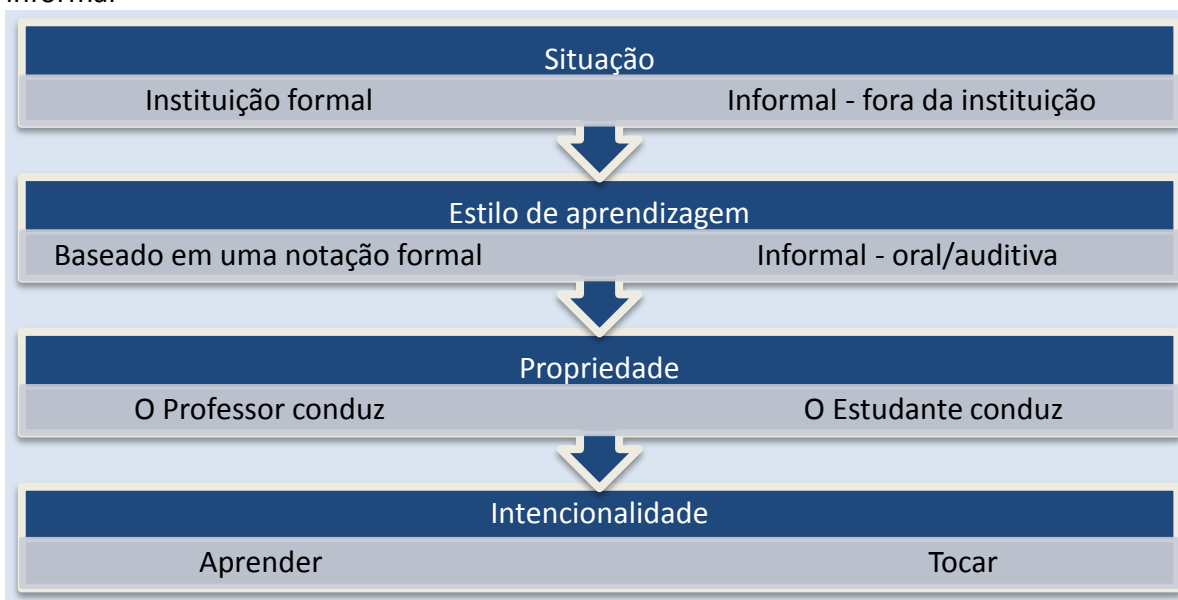
³ De acordo com França (2012) o termo “riff” refere-se “a um motivo marcante que geralmente aparece na introdução e se repete durante a música, conferindo-lhe identidade” (FRANÇA, 2012, p.74).



1. A situação: onde é que a aprendizagem acontece? Isto é, formal e informal é usado como uma maneira de apontar o contexto físico em que a aprendizagem tem lugar;
2. O estilo de aprendizagem: como uma maneira de descrever o caráter, a natureza e a qualidade do processo de aprendizagem, referem-se a aprender a tocar através da partitura ou de ouvido;
3. A propriedade: quem "possui" as decisões da atividade; o que fazer além de como, onde e quando? Esta definição se concentra no ensino didático contra a aprendizagem aberta e autorregulada;
4. Intencionalidade: Para qual objetivo a atenção e o foco são direcionados: para aprender a tocar ou na direção do ato de tocar? Dentro de um modelo pedagógico ou modelo musical? (FOLKESTAD, 2006, p.141-142).

Wright (2016) elaborou um gráfico no qual podemos entender melhor como as quatro categorias concebidas por Folkestad (2006) acontecem numa “situação de aprendizado na vida real” (p.211). Neste esquema podemos visualizar as setas apontadas para baixo em todas as categorias, como um controle único vertical e deslizante, podendo-se mover para qualquer um dos lados. O que podemos destacar é que, a partir deste gráfico podemos vislumbrar a possibilidade de variadas combinações entre as duas modalidades de aprendizagem.

Figura 1: Possibilidades de combinações entre modalidades de aprendizado formal e informal



Fonte: Wright (2016, p.211).

Na figura acima podemos compreender o sentido das possibilidades de combinações proposto por Wright (2016, p.211) salientando que desta forma “pode-se



capturar a realidade confusa da aprendizagem da vida real mais eficazmente do que a ideia de um único ‘continuum’, ou seja, o aprendizado está entrando e saindo constantemente de modos formais e informais” (*Ibidem*, p.211).

O aprendizado não formal e as práticas informais como auxílio na Educação Musical

A seguir são apresentadas algumas pesquisas relacionadas ao aprendizado não-formal e as práticas informais como auxílio na educação musical.

Vedana, Soares e Finck (2011) analisam as metodologias e práticas do ensino de música popular nos cursos de licenciatura da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) e da UDESC. Os resultados demonstram, que a música popular ocupa um espaço importante nos currículos, sendo que a prática instrumental geralmente acontece no início dos cursos e os professores optam por um modelo metodológico de ensino-aprendizagem que enfatiza as experiências informais durante a formação musical dos alunos.

Grossi e Martinez (2011) elaboram reflexões sobre a aprendizagem musical que vem sendo realizada com os alunos do Centro de Ensino Médio do Setor Oeste de Brasília (DF). Através da aplicação das práticas informais, segundo os pressupostos da autora Lucy Green, os autores destacam a importância destas práticas como experiência no futuro profissional dos alunos de Licenciatura em Música.

Mota et. al (2016) discutem questões de inclusão social em uma situação de aprendizagem não formal baseada no programa *El Sistema* da Venezuela. Há o enfoque nas práticas sociais que promovem a inclusão social entre os jovens participantes, que têm implicações de longo alcance para a teoria, pesquisa, pedagogia e política na prática da educação musical não formal. De acordo com os autores, há o potencial de tais programas reproduzirem as desigualdades sistêmicas existentes, representadas nas práticas propostas em nome da inclusão e igualdade social. Os autores ainda destacam a necessidade de fornecer oportunidades de participação não formal para uma pluralidade de interesses e habilidades culturais, em vez de apenas ampliar o acesso à cultura de elite.

Murtadza (2016) descreve os conceitos do aprendizado formal, informal e não-formal e considera este último, como aquele fornecido por portadores de cultura em



contextos escolares e comunitários. Murtadza explora questões da autonomia e atuação dos estudantes em relação ao ensino dirigido por músicos mais experientes ou mestres de diversas culturas e exemplifica este contexto através sua própria experiência no aprendizado do gamelão javanês. A autora caracteriza esta prática como ensino não formal, que ocupa uma posição em algum lugar no continuum entre formal e informal, destacando pontos positivos desta atividade na qual a aprendizagem autodirigida do aluno ocupa uma posição importante.

Walden (2016) descreve métodos de integração de experiências de aprendizagem não formal por meio de explorações de músicas culturalmente diversas. A autora defende a inclusão dessas músicas nos currículos das escolas canadenses, além da música popular, em que os alunos podem se envolver em aprendizagem auditiva e em experiências baseadas nas práticas de ensino da aprendizagem não formal. Por meio de estudos dos conceitos, estruturas temáticas e questões de justiça social, Walden descreve diretrizes práticas para o ensino e a aprendizagem não formais. A autora defende estas experiências de aprendizagem como um meio de envolver os alunos na reflexão sobre questões de justiça social e sugere a alteração do foco central do currículo, a partir de perspectivas eurocêntricas, para uma perspectiva mais global.

Barbeau e Corssette (2016) relatam uma iniciativa colaborativa entre alunos de educação musical da *Schulich School of Music* (McGill University - Canadá) e membros seniores da *Montreal New Horizons Band* (MNHB), que fornece um exemplo inovador de prática de educação musical não formal por meio do ensino e aprendizagem. Os autores mencionam que a banda *New Horizons* difere das bandas e orquestras tradicionais da comunidade porque é direcionada para adultos mais velhos, sem exigir conhecimento musical prévio dos participantes. A educação musical intergeracional e a prática de ensino neste ambiente beneficiaram tanto os educadores musicais de formação inicial na universidade quanto os músicos participantes da banda *New Horizons*.

Rodrigues (2018) discutiu a aplicabilidade dos processos de aprendizagem não-formal e as práticas informais de aprendizagem musical na oficina de música do projeto PIBID/UEMG em uma escola pública de ensino médio de Belo Horizonte/MG. Utilizando a metodologia da pesquisa qualitativa foi possível obter as opiniões e concepções dos



participantes, cinco bolsistas do projeto e vinte alunos da escola, sobre as atividades desenvolvidas durante o ano letivo de 2014. Através das atividades, verificou-se um compartilhamento de estratégias, informações e aprendizagem entre os bolsistas, entre os alunos, e entre bolsistas e alunos. Como resultados podemos destacar que o projeto oportunizou o exercício da aprendizagem colaborativa; a viabilidade e a possibilidade de uma proximidade entre as abordagens não formal e informal; uma atualização das características das práticas informais a partir da utilização de vários recursos tecnológicos e a possibilidade destas práticas serem utilizadas como instrumentos de estímulo aos processos de prática, ensino e aprendizagem musical.

Esta pesquisa visa aglutinar as conclusões dos autores acima relacionados, no sentido de investigar a elaboração de materiais didáticos a partir do exercício das práticas informais de aprendizagem musical e de forma específica, a partir das músicas que os alunos conhecem e reconhecem.

Procedimentos metodológicos

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa que dentre as suas características destaca-se que “o foco está no processo, no entendimento e no significado, e o pesquisador é o principal instrumento para coleta e análise de dados” (MERRIAM, 2014, p.14). A pesquisa qualitativa é “um processo indutivo no qual os pesquisadores reúnem dados para construir conceitos, hipóteses ou teorias através de uma rica descrição do contexto, seus participantes e de todas as atividades realizadas” (MERRIAM, 2014, p.16).

A pesquisa possui um delineamento exploratório que segundo Gil (2002)

têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. (GIL, 2002, p.41).

O Projeto aproveitou a disciplina optativa: “Práticas informais no ensino musical” no curso de Licenciatura em Música com Habilitação em Educação Musical Escolar, na Escola de Música da UEMG, em 2021. Esta disciplina foi oferecida on-line utilizando a plataforma Teams, durante o 1º semestre de 2021, com duração de 18 aulas, 2hs/aula por semana. O público participante foi de cinco pessoas e os objetivos principais deste grupo foram: a) o



exercício das práticas informais de aprendizado musical e b) a elaboração de atividades advindas das músicas escolhidas pelos participantes.

Inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o tema que segundo Gil (2002) “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (p.44). Neste caso, foi realizado um levantamento sobre os diversos processos de aprendizagem como a aprendizagem formal, não-formal e informal.

Em seguida, seguiu-se o desenvolvimento das atividades descritas abaixo, em duas etapas:

1ª etapa

- Exposição dos conceitos e propostas para a disciplina;
- Emprego dos 5 primeiros estágios propostos por Green (2008) para o exercício das práticas informais de aprendizagem musical⁴;
- Ensaio das músicas escolhidas. Os alunos adaptaram a música à instrumentação disponível e gravaram suas partes separadamente em arquivos de áudios. Após todos gravarem suas partes, um dos alunos ficou responsável pela finalização deste material. Ele utilizou o programa Reaper⁵ para este procedimento.
- Apresentação e gravação áudio da *performance* dos grupos. O áudio da versão final foi disponibilizado para os colegas.

2ª etapa

- Análise da música e busca por tópicos que pudessem ser extraídos para o ensino musical. Por exemplo: ritmo, melodia, harmonia, instrumentação, temas para serem utilizados para a composição de outras músicas, etc. Cada aluno elaborou uma atividade e em seguida todos compartilharam suas ideias.

⁴ Neste projeto, as quatro primeiras etapas, segundo Green (2008), foram realizadas integralmente pelos participantes. A quinta etapa foi realizada parcialmente, pois os alunos já atuavam em shows e apresentações musicais de forma regular, e desta forma possuíam noções sobre como se preparar para tocar uma música, em relação aos ensaios, apresentações, etc. Os estágios 6 e 7 não foram aplicados por falta de tempo hábil para a realização dos mesmos.

⁵ <https://www.reaper.fm/>



- Elaboração e sistematização de atividades relacionadas ao ensino musical baseadas nas práticas acima relacionadas.

- Repetição de todo o processo (1ª e 2ª etapas) com uma nova música.

Todo o processo foi realizado em seis ou sete aulas para cada música, totalizando duas músicas trabalhadas pela turma durante o semestre da disciplina.

Devemos destacar que inicialmente, as atividades foram idealizadas para serem elaboradas, praticadas e realizadas presencialmente, mas devido ao Covid-19 que inviabilizou temporariamente o funcionamento das escolas e impôs o distanciamento social, foi necessário pensar em outra alternativa. A parte prática da pesquisa, ou seja o exercício das atividades foi alterada e realizada de maneira remota com o auxílio de aplicativos de redes sociais para a comunicação entre os participantes e o compartilhamento de arquivos, como por exemplo, o Whatsapp.

Atividades

As atividades práticas descritas a seguir foram propostas e organizadas pelos alunos da disciplina “Práticas informais no ensino musical”. Os licenciandos tiveram total liberdade para escolher o tópico que achavam mais adequado a ser desenvolvido, bem como a ordem e organização das propostas para cada atividade.

Cada licenciando baseou-se em um perfil de alunos para a sua atividade, detalhes como idade, se já sabem tocar algum instrumento, se possuem algum conhecimento musical prévio ou não. O objetivo para cada atividade também foi definido. A duração de cada atividade pode variar de acordo com o nível de conhecimento musical dos alunos praticantes e em suas habilidades práticas no instrumento.

Os alunos elaboraram cinco atividades para cada música escolhida, mas por questões de espaço apresentaremos apenas uma proposta de cada música.

As propostas aqui descritas são sugestões e podem ser alteradas dependendo das concepções e objetivos do professor. É necessário praticar e experimentar estas ideias presencialmente para se ter uma real noção das possibilidades e riscos que estas atividades podem apresentar em cada turma com a qual se pretende trabalhar. É importante levar em consideração que o resultado final também depende das características do grupo como:



maturidade, conhecimento, nível de participação, capacidade de escuta e muitos outros fatores.

Primeira Música

A primeira música escolhida pelos licenciandos para criação das atividades didáticas foi **“Lamento Sertanejo”**⁶, de Dominginhos e Gilberto Gil.

Licenciando A:

- Atividade: Apresentar o repertório modal das músicas nordestinas.
- Perfil de aluno: Com conhecimento teórico das figuras musicais, leitura musical; de tonalismo maior e menor independente da idade; já tocam um instrumento e possuem conhecimentos sobre acordes;
- Objetivo: Aguçar a percepção auditiva dos acordes tonais e das formas modais; exercitar a percepção dos acordes maiores e menores; ensinar o campo harmônico de ré menor (Dm) e ensinar o modalismo. Apontar as diferenças entre modalismo e tonalismo;

Procedimentos:

- 1 - Audição da música e perguntas sobre as sensações de afastamento e repouso;
- 2 – Mostrar a letra e destacar as partes da música;
- 3 - Execução da música pelo professor/Tutor para exercitar a percepção dos acordes da tonalidade de Ré menor (Dm) e das demais progressões ao longo da música;
- 4 - Descrição do campo harmônico de ré menor e seus principais encadeamentos tonais;
- 5 – Ensino dos acordes e do ritmo básico da música.
- 6 – Apresentar a letra com a cifra;
- 7 – Tocar e cantar a música;

Segunda Música

A segunda música escolhida pelos licenciandos para as atividades foi **“Jesus, Alegria dos Homens”**⁷ de Johann Sebastian Bach.

⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=Py3HplafWEw>



Licenciando C

- Atividade: a técnica de imitação para desenvolvimento da capacidade de reproduzir e memorizar as frases, sentenças e toda a música “Jesus, Alegria dos Homens” com a sua dinâmica.

- Perfil: alunos dos anos finais do ensino fundamental ao ensino médio.
- Objetivo: Desenvolver a capacidade de imitar estruturas rítmicas e sonoras, com a expressividade.

Procedimentos:

1- Em roda, o professor realiza a audição da música convidando os alunos a dividir a música em partes e em frases musicais.

2 - O professor canta a 1ª frase da música e os alunos repetem até cantarem “de ouvido”. Em seguida, o professor poderá realizar a mesma atividade com as demais frases da música.

3 – O professor canta a música enfatizando o ritmo: pulsação nas palmas das mãos ou nos pés, caminhando pela sala.

4 - O professor trabalha a música em partes, como na atividade anterior destacando: a intensidade (decrescendo, forte e piano); o caráter; a agógica (rallentando) e demais elementos que julgar necessários.

5 - O professor organiza o grupo, em formato de meio círculo para que o grupo coral possa cantar a música.

Conclusão

Esta pesquisa teve como objetivo o exercício das práticas informais de aprendizagem musical (GREEN, 2008) e a elaboração de materiais didáticos a partir das músicas escolhidas pelos alunos. O Projeto inicial aproveitou a disciplina optativa: “Práticas informais no ensino musical” na Escola de Música da UEMG, no primeiro semestre letivo de 2021, para o desenvolvimento das atividades propostas.

O exercício das práticas informais baseados nos cinco primeiros estágios, de acordo com Green (2008), fez com que os licenciandos entrassem em contato com atividades como

⁷ <https://ciframelodica.com.br/musicas/johann-sebastian-bach-jesus-alegria-dos-homens-435/>



“tirar músicas de ouvido”, adaptações e performance das músicas escolhidas, prática musical em grupo, dentre outras, e esta prática mostrou-se efetiva para aprendizagem da música, troca de informações entre os colegas e para o aprimoramento da percepção musical. Os licenciandos que já haviam praticado anteriormente esta atividade reconheceram que, com o passar do tempo e a persistência no exercício, era possível “tirar” cada vez mais informações da música, ou seja, aprimorar o reconhecimento dos sons e sua equivalência no instrumento.

Podemos destacar também que as práticas informais trouxeram a realidade musical dos estudantes para dentro da aula de música, a partir do momento em que eles são convidados a apresentar as músicas de sua preferência e a compartilhar suas experiências musicais anteriores ao longo das atividades. Desta forma, há uma ênfase no caráter inclusivo destas práticas, o que possibilitou momentos de pertencimento, de confiança entre colegas, de troca de informações e ideias e muitas vezes, com a participação também do professor/tutor.

Na etapa seguinte, cada aluno elaborou uma atividade musical a partir dos objetos trabalhados. Este exercício fez com que os alunos desenvolvessem as habilidades na criação de materiais didáticos a partir de uma música popular. Ou seja, ao retirar tópicos da música para o ensino musical, o licenciando altera o sentido da origem do material a ser utilizado para fins educativos, antes, este material era trazido pelo professor, a partir de seu conhecimento e experiência, mas com essa outra possibilidade, o material pode ser criado a partir de uma música trazida por um aluno e que talvez o professor não a conheça. Dessa forma, além do conhecimento adquirido no seu curso superior, o licenciando poderá produzir seu próprio material a partir de músicas diversas. Acredita-se que através desta prática, os licenciandos estarão mais bem preparados para os desafios da docência em escolas públicas e/ou ambientes diversos.

Podemos destacar também que a atividade acima descrita pode proporcionar:

- uma aproximação do professor com o repertório conhecido e reconhecido pelos alunos e assim estimular uma maior afinidade entre eles, o que poderá contribuir para o ensino e aprendizagem musical.



- um estímulo à criatividade, a partir da possibilidade de elaboração e sistematização de materiais e atividades que sejam destinadas ao ensino musical.

Devemos salientar que todas as atividades foram realizadas em encontros semanais, no formato remoto, através da plataforma Teams. Desta forma devemos levar em consideração esta realidade ao examinar os resultados deste estudo.



Bibliografia

BARBEAU, Audrey-Kristel; COSSETTE, Isabelle. Intergenerational Community Bands, Service Learning and Preservice Music Teacher Training: A Win-Win Situation to Foster Non-Formal Teaching and Learning. In: WRIGHT, Ruth; YOUNKER Betty A.; BEYNON, Carol. *21st century music education: Informal learning and non-formal teaching* Waterloo: CMEA/ACME National Office. Canadian Music Educators' Association. Edição do Kindle, 2016. p. 3175–3702.

FOLKESTAD, Gohan. Formal and informal learning situations or practices vs formal and informal ways of learning. *British Journal of Music Education*. Cambridge University Press. v. 23, n. 02, p. 135, 29 jun. 2006.

FRANÇA, Cecília. C. Riffs forever: O rock na sala de aula. *Música na Educação Básica*, Londrina. v. 4, n. 4, p. 70–84, 2012.

GIL, Antônio. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª Ed. São Paulo: Editora Atlas. 2002. 176p.

GREEN, Lucy. *Music, Informal Learning and the School: A New Classroom Pedagogy*. 1st. ed. Hampshire - England: Ashgate Publishing Limited, 2008.

GROSSI, Cristina S.. MARTINEZ, Edson. B. O aprendizado informal de música no Centro de Ensino Médio do Setor Oeste – Brasília. In: CONGRESSO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 20, 2011. *Anais...* Vitória: ABEM, 2011. p.1546-1553.

MAK, Peter. Learning Music in Formal, Non-Formal and Informal Contexts. In: MAK, Peter; KORS, Ninja; RENSHAW, Peter. (Eds.). *Formal, non-formal and informal learning in music*. Hague, Netherlands: Lectorate Lifelong Learning in Music. 2007. p. 8–27.

MERRIAM, Sharan. B. *Qualitative Research: A Guide to Design and Implementation*. 2nd Edition. San Francisco - USA: Wiley, 2014.

MOTA, Graça; BAKER, Geoff; ILARI, Beatriz; O'NEILL, Susan; SENYSHYN, Yaroslav. Social Inclusion and Non-Formal Music Learning - In the Shadow of Venezuela's El Sistema. In: WRIGHT, Ruth; YOUNKER Betty A.; BEYNON, Carol. *21st century music education: Informal learning and non-formal teaching*. Waterloo: CMEA/ACME National Office. Canadian Music Educators' Association. Edição do Kindle., 2016. p. 1039–1475.

MURTADZA, Nur. I. Culturally Relevant Pedagogy and Non-Formal Teaching Practices with Young People: Systemic Responses to Hybrid Educational Landscapes in the 21st Century. In: WRIGHT, Ruth; YOUNKER Betty A.; BEYNON, Carol. *21st century music education: Informal learning and non-formal teaching*. Waterloo: CMEA/ACME National Office. Canadian Music Educators' Association. Edição do Kindle., 2016. p. 1479–1886.



RODRIGUES, Fernando. M. *As "práticas informais" e o "aprendizado não formal" na oficina de música do projeto PIBID/ESMU/UEMG*. 2018. 250 p. Tese (Doutorado em Música/Educação Musical) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

VEDANA, Cassiano. SOARES, José. FINCK, Regina. A aprendizagem da música popular nos cursos de licenciatura em música no estado de Santa Catarina. In: CONGRESSO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 20, 2011. *Anais...* Vitória: ABEM, 2011. p.10-20.

WALDEN, Jennifer. Non-Formal Learning Through Culturally Diverse Music and Methodologies. In: WRIGHT, Ruth; YOUNKER Betty A.; BEYNON, Carol. *21st century music education: Informal learning and non-formal teaching*. Waterloo: CMEA/ACME National Office. Canadian Music Educators' Association. Edição do Kindle., 2016. p. 1890–2340.

WRIGHT, Ruth. Informal learning in general music education. In: ABRIL, Carlos. R.; GAULT, Brent M. (Eds.). *Teaching general music: Approaches, issues and viewpoints*. New York: Oxford University Press, 2016. p. 209–237.